



A Terra
queima

um filme de Gonzalo Sarno

Eu gostaria que este filme
recolocasse a discussão do didático
junto a todos aqueles que estão
buscando pelos meios audiovisuais
as formas de melhorização da consciência.
Que o uso didático, anos 80, está
periculado a (outra) parir pela
antropologia, pela ideologia, a
construir uma dramaturgia e daí
talvez fazer uma nova opção.

A primeira matéria surgiu do
documentário na América Latina e
constituiu de indignação e revista.



*... Porque o maior sempre
pode mais do que o menor.
Mas depois, o menor
também pode.
Passa o medo,
a gente continua..."*

O Nordeste é uma questão nacional em muitos sentidos e de diferentes formas. Primeiro foi produzido ao longo da nossa história econômica e política, não foi o clima que produziu o Nordeste como problema, mas os senhores donos da terra, homens concretos, de carne e osso, no chão e não nas nuvens. Nenhuma fatalidade obrigou o Nordeste a trabalhar a cana de açúcar sob regime escravo, a plantar o algodão explorando o trabalho das mulheres e das crianças nas grandes propriedades, a criar gado em lugar de gente nos imensos latifúndios: foram os senhores donos da terra que para cá vieram e ficaram. O fato de não chover não produz miséria, assim como o fato de chover não produz riqueza automaticamente. Quem produz miséria e riqueza são os homens concretos e, principalmente, as relações que os homens estabelecem entre si.

O Nordeste é uma região onde se concentrou muita riqueza — e de tal forma que acabou produzindo muita pobreza e muita miséria. Para concentrar estas riquezas a terra foi monopolizada por algumas famílias, enquanto milhões de nordestinos ficaram sem onde trabalhar, assim se produziu a migração. Antes que o sol queimasse as costas dos retirantes, queimou os o fogos da concentração da terra. Concentrou também muito poder para produzir milhões de deserdados dos bens e dos poderes deste mundo, que lutam e se organizam no mundo dos sindicatos, das comunidades de base e da economia submersa.

Quando a industrialização (capitalista) virou moda, chegou ao Nordeste sob a forma de estímulos, subsídios e projetos importados do Norte do mundo e do Sul do Brasil. Chegou sob

e alegação de que iria desenvolver o Nordeste e criar empregos para os nordestinos. Desenvolveu as empresas que operam no Nordeste e criou o mínimo de empregos que as empresas modernas são capazes de criar, deixando no subemprego os milhões que nunca terão em mão carteiras assinadas por empresas industriais.

A industrialização do Nordeste virou uma espécie de latifúndio tecnológico moderno concentrado em mãos de uma minoria. Nem gerou os empregos que prometia, nem difundiu o desenvolvimento na região, nem tocou na estrutura agrária que produz migrantes que buscam emprego a qualquer preço e em qualquer lugar. A concentração fundiária somou-se a concentração financeira e industrial: o autoritarismo da região apenas modernizou-se. Mudam os atores, peca continua a mesma.

Quando a temperatura social e política aumenta, quando os milhões de migrantes e flagelados começam a mover-se em direção às cidades e aos supermercados... a classe dominante local grita aos sócios do Sul:

"O Nordeste também é Brasil, o Nordeste é uma questão nacional, não podemos ser irmãos separados, nem pode haver Brasil desenvolvido com Nordeste miserável". No Sul os donos do poder também entoam o mesmo canto e criam frentes de emergência (uma espécie de trabalho ou sopa dos pobres), distribuem verbas entre os senhores das terras para construir barragens ou ampliar açudes em benefício de si mesmos, aumentam os subsídios das empresas, imaginam a industrialização das ruínas e a domesticação dos rios.

Passada a febre, condita a miséria, dispersados os flagelados, migrados os desempregados e desorientados, o silêncio de novo se impõe e os donos da terra e das empresas voltam às suas casas. O Nordeste continuou brasileiro apesar de sacrificar milhões de brasileiros, até a próxima ameaça de explosão social.

Quando a discussão sobre o Nordeste, a seca, a miséria se estabelece, as teses voltam ao cenário dos debates, seminários e encontros. E voltamos a dizer que a seca não é só problema da natureza. Que é um problema da estrutura fundiária. Que falta terra e que sobram latifúndios. Que não existem soluções puramente técnicas. Que só uma reforma agrária resolve o problema e que o Brasil pode acordar um dia diante de uma grande convulsão social.

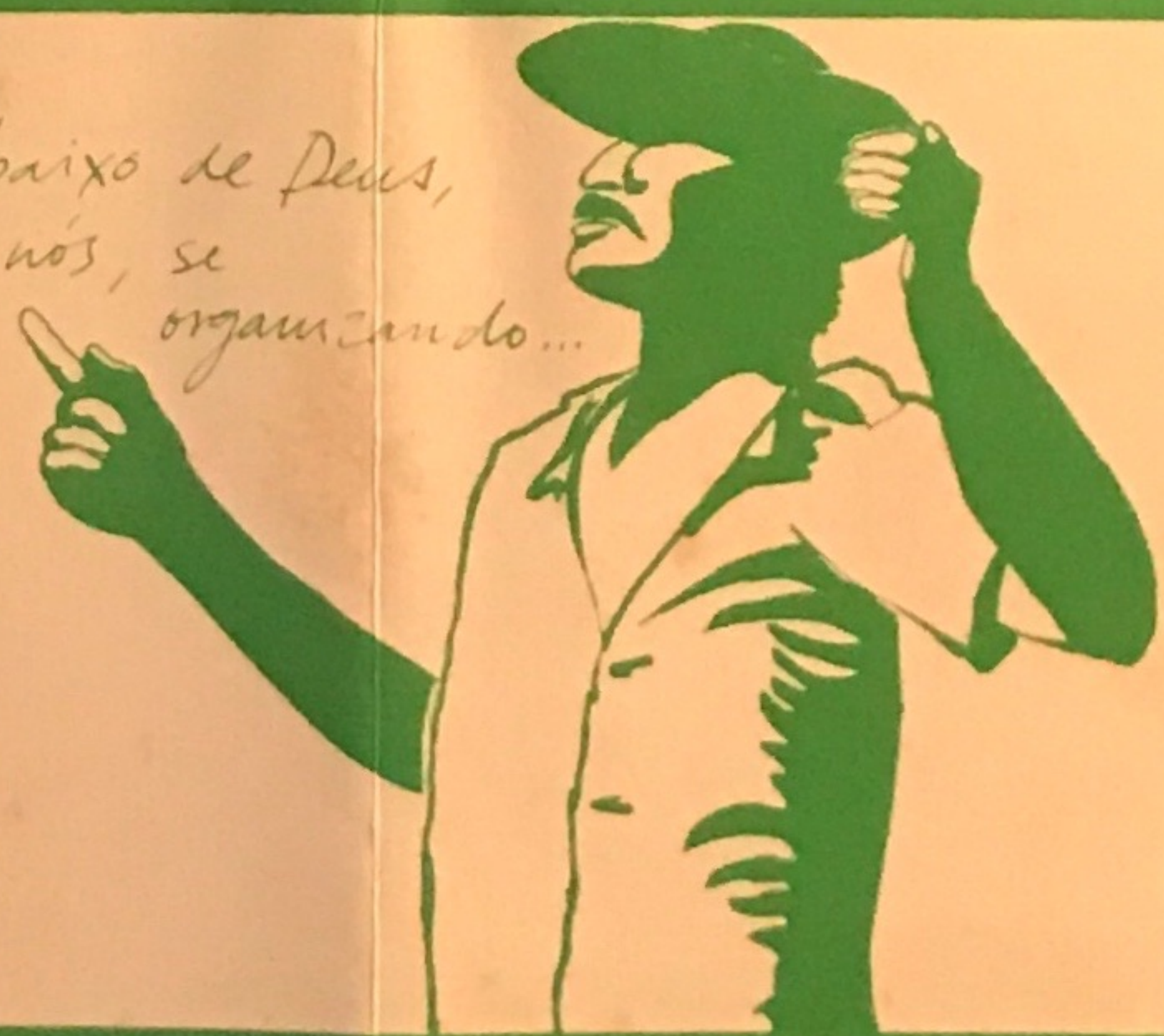
As verdades, no caso, parecem que são poucas e boas: o Nordeste está hoje no Brasil inteiro, é o Brasil que sobrou aos brasileiros. É uma criação da classe dominante brasileira, em cumplicidade com os donos das terras do mundo inteiro e só terá solução através de profundas transformações na estrutura econômica, social e, principalmente, política do país.

Séculos de exclusão, monopólio e autoritarismo produziram o Nordeste como questão nacional. Só através da organização e mobilização dos deserdados, dos nordestinos do Norte e do Sul, poderemos desgrudar o Nordeste como problema. A democracia produzirá um outro Brasil e um novo Nordeste.

Herbert de Souza
IBASE



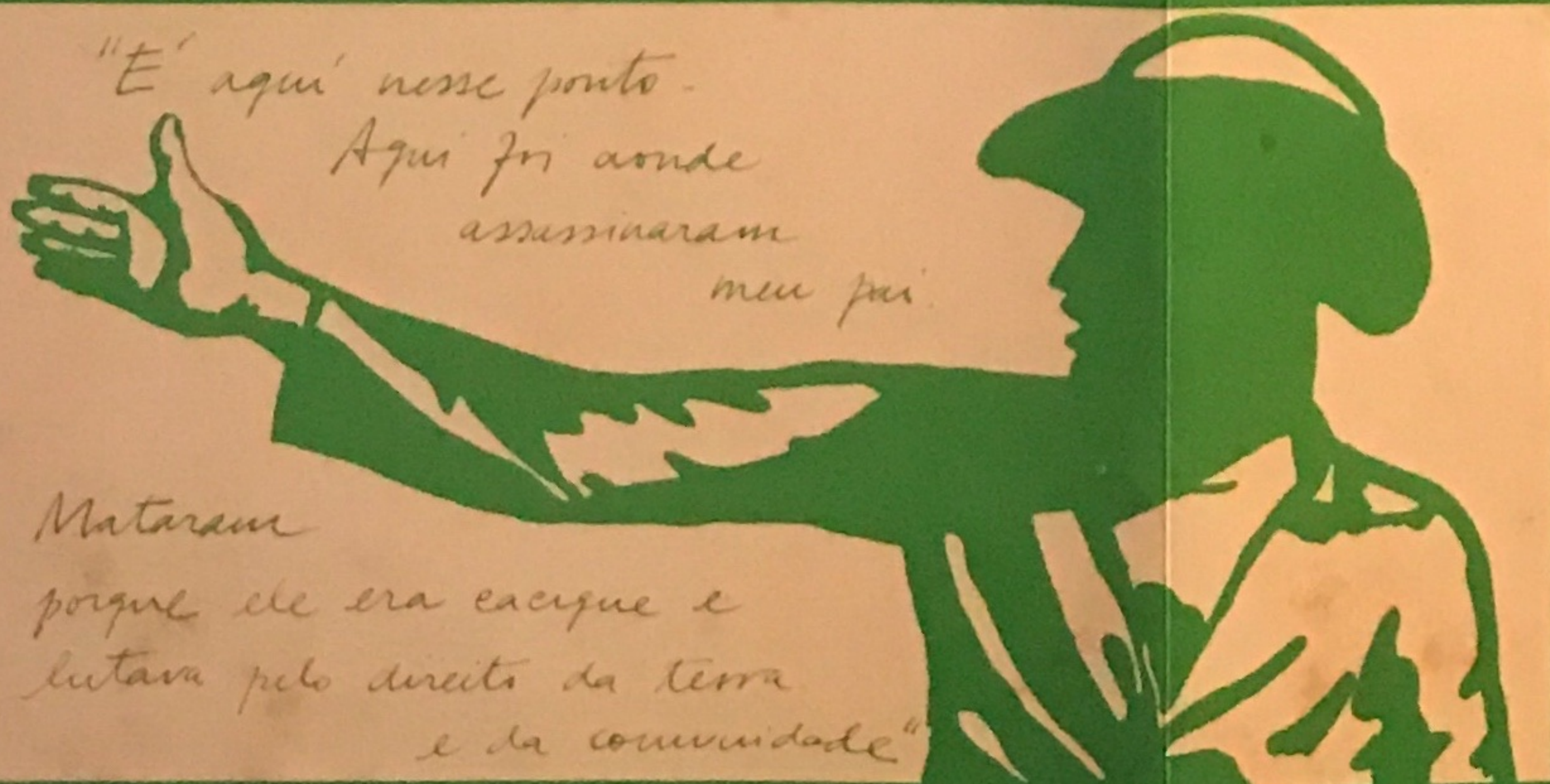
*Abaixo de Deus,
e nós, se
organizando...*



Filmado nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1984 no Nordeste, "A TERRA QUEIMA" é uma produção da Saruê Filmes para a Sociedade Rádio Canadá no quadro de um programa de 10 filmes patrocinados pela ONU (Organização das Nações Unidas). Desses programas participaram 10 realizadores de países representantes do Sul (Malásia, Antígua, Sri Lanka, Índia, Nepal, Bangladesh, Senegal, Tunísia, Equador, Brasil) e canais de televisão representantes do Norte (Suécia, Japão, Finlândia, República Federal Alemã, Itália, França, Nova Zelândia, Austrália). Após sua divulgação nesses países pelos canais de televisão que participaram da produção do programa, "A TERRA QUEIMA" será distribuído nos demais países pela ONU.

Divulgação cultural e informações:
IBASE - RUA VICENTE DE SOUZA, 29
22251 BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO - RJ
TEL. 286-0348
Direitos Comerciais:
SOCIEDADE RÁDIO CANADÁ
MONTREAL CANADÁ

*"É aqui nesse ponto -
Aqui foi aonde
assassinaram
meu pai.
Mataram
porque ele era cacique e
lutava pelo direito da terra
e da comunidade"*



FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO SARUÊ FILMES LTDA
PARA A SOCIEDADE RÁDIO CANADÁ

Direção:
GERALDO SARNO
Argumento:
HERBERT JOSÉ DE SOUZA
GERALDO SARNO

Fotografia:
PEDRO FARKAS
JOSE ANTONIO VENTURA
Montagem:
WALTER GUILBERT
SEVERINO DADÁ

Música Especial:
FRANCISCO MARIO

Som Direto:
CARLOS DEL PINO
DUDU FERREIRA

Narrador:
FRANCISCO MILANI

Mixagem:
CARLOS DE LA RIVA

Efeitos Sonoros:
ANTONIO CESAR

Produção Executiva:
CARLOS DEL PINO
HELOISA RIOS
MANFREDO CALDAS

Assistente de Som:
MARCOS ALMEIDA

Assistente de Montagem:
LUIZ FERNANDO

Elétricista:
ARNOL CONCEIÇÃO

Poema de João Cabral de Melo Neto
"DUAS DAS FESTAS DA MORTE"

Músicos:
FRANCISCO MARIO
HENRIQUE DRACH
BRUNO

Gravado e Mixado:
TONINHO BARBOSA

Regência e Arranjos:
FRANCISCO MARIO

Duração:
55 MINUTOS



A Terra queima

um filme de
Geraldo Sarno

Eu gostaria que este filme
redobrasse a discussão do didático
junto a todos aqueles que estão
buscando pelos meios audiovisuais
as formas de politização da consciência.
Que o novo didático, anos 80, está
forçado a (ultra)passar pela
antropologia, pela ideologia, a
construir uma dramaturgia e daí
talvez forjar uma nova epica.

A prima matéria virgem do
documentário na América Latina é
constituída de indignação e revolta.

Ju de / au